

Dostoiévski – O Duplo

Logo após o sucesso de lançamento com *Gente Pobre*, Dostoiévski faz a jogada mais inusitada possível, levando ao leitor uma obra irreconhecível ao ser comparada àquela. *O Duplo* tem uma história estranha, em um estilo ainda pouco explorado por outros autores -- tendo paralelo em duas ou três obras de sua época, sendo a mais conhecida, o conto *O Nariz* de Gógol. Além do próprio estilo, a linguagem apresentada em *O Duplo* é apresentada em forma mais complexa que em Gógol, com uma linguagem quebrada que, propositalmente, leva o leitor a duvidar de si mesmo, compartilhando a incerteza do próprio personagem que não sabe nem mesmo se está entendendo o que se passa diante de seus olhos. Loucura? Burrice? Falta de experiência de vida (ou de leitura) que impede a compreensão do que se apresenta? São dúvidas compartilhadas entre Yakóv Pietróvitch Golyádkin e o leitor, que nada mais tem a fazer que não continuar seguindo em frente até o destino lhe desvendar tudo.

Ao leitor que, diferente do personagem, pode no presente olhar para trás já conhecedor de tudo o que foi produzido por Fiódor, não é tão difícil de entender se não o *como*, ao menos o *porquê* da insânia no drama psicológico do servidor público Goliadkin, quando ao longo da trama não se tem certeza de nada além de que a mente é um universo no qual tudo existe e acontece, mas onde só há um único ser, o proprietário daquela mente. Assim, Dostoiévski desenvolveu por suas dezenas de contos e romances, personagens que não cabem no mundo literário do autor e precisam ir além, saindo dos limites do mundo real e se estendendo por toda a infinitude existencial, que interiormente se faz mais infinita que todo o cosmos. É assim com Raskólnikov, em *Crime e Castigo*, que não pode ser contido na Petersburgo em que vive e se transporta a Napoleão e à Sibéria; ou Alexei Karamázov, caçula dos *Irmãos Karamázov*, cuja imaginação o leva a [re]desenhar os passos de Cristo diante da Inquisição, e enfrentar a Igreja cheia de uma ira maligna que busca a defesa da autoridade eclesiástica aprisionando o Redentor; ou o príncipe Mitchkin, que em delírios e ataques de epilepsia transcende todos os complexos personagens de *O Idiota*, mostrando a impossibilidade de o senso comum conter alguém pleno da ética cristã. Dostoiévski preenche as milhares de páginas ao longo de sua vida literária com personagens que se debatem com a moral, e na ética cristã se degladiam com a sociedade que os cerca, às vezes indo à loucura, outras iluminando os que estão próximos, mas sempre deixando sua marca, seu sal na Terra.

Apresentar uma obra complexa como *O Duplo* a um público deslumbrado com a obra de estreia, mostra um autor que não se subjugou à fama se tornando escravo do mercado editorial, antes revela que desde sua estreia, Fiódor Dostoiévski nunca teve medo do público, e mesmo escrevendo contos em jornais periódicos tinha sempre a consciência de que seu papel não era agradar, mas “puxar” o público para o seu patamar, sendo assim um verdadeiro intelectual de seu tempo e não um atendente de demandas de vendas. Seus livros não são produtos de mercado, são expressões de uma mente artística.

O romance traz ao leitor um cenário composto de paisagem e gente, ambos personagens da linha de frente de uma história sobre a psiquê humana, onde o personagem principal caminha aos borbotões, como na cena em que *nosso herói não andava, mas voava, derrubando todos em seu caminho — homens, mulheres, crianças —, e por sua vez pulando para se desviar dos homens, mulheres e crianças...* a loucura de Golyádkin é a insanidade da grande metrópole de Petersburgo, que Dostoiévski retrata em toda sua obra como uma cidade que leva os habitantes a loucura, a não se ver como habitantes da Terra mas do Subsolo, um mundo próprio de céu cinza, lama mista de neve e terra e seres que se rastejam por debaixo de capotes e chapéus. As gravuras e ilustrações que percorreram as diferentes edições do autor russo trazem todas a



mesma característica artística, personagens sem rosto e coloridos em preto, o que é a justa percepção que se pode ter do mundo dostoiévkiano.

Sendo um autor despreocupado com o impacto direto de sua obra mas dedicado a compor no mundo da fantasia a realidade russa, Dostoiévski mostra por todo seu trabalho a necessidade de se atentar à grandeza da alma russa, convocando aquele povo a erguer as botas acima da sarjeta de um império russo aterrado debaixo das fardas dos agentes públicos, do *jeito francês* da burguesia, da convivência com a miséria e do cristianismo não praticado, estático nos ícones das paredes e dos altares. O que vem a seguir após a demonstração direta dos problemas da vida russa é a alma da mãe Rússia. É por isso que em Dostoiévski não vemos uma Rússia bela seguida de críticas, antes vemos o império devastado, e na sequência sua possibilidade de redenção, e essa possibilidade está sempre no homem russo. É assim que vemos aqui, em *O Duplo*, personagens bêbados (Pietruchka), traquinas (Golyádkin Segundo), terríveis (Crestian), burros (Ostáfiev) mas que, ao fim e ao cabo, são todas pessoas bondosas que só querem ajudar o louco a se salvar ou, no menos, não se prejudicar tanto; e até a máquina russa, ao ver um total inútil ao serviço não o lança nas trevas, mas lhe reserva uma *casa com aquecimento, Luz e uma criada*.

Em Dostoiévski, o retrato da miséria humana não é desanimador mas sim um alerta para que todos saibamos que, além do céu acinzentado há um sol a brilhar sobre todos.

Fernando Melo, Brasília, 20 de março de 2021.